

mal. A Fundação Rockefeller me permitiu redigir o rascunho dos capítulos na Villa Serbelloni, às margens do Lago Como, onde os *partisans* mataram Mussolini, em abril de 1945. A École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, o Istituto Universitario Europeo de Florença, e algumas universidades americanas permitiram-me testar algumas dessas idéias em suas salas de aula e auditórios. Toda uma geração de alunos da Columbia University questionou minhas interpretações.

Philippe Burrin, Paul Corner, Patrizia Dogliani e Henry Ashby Turner Jr. generosamente comentaram uma versão anterior deste trabalho. Carol Gluck, Herbert S. Klein e Ken Ruoff leram partes do manuscrito. Todos me salvaram de erros embaraçosos, e aceitei a maior parte de suas sugestões. Caso eu tivesse acolhido todas, este livro provavelmente seria melhor. Agradeço também a ajuda de diversos tipos prestada por Drue Heinz, Stuart G. Woolf, Stuart Proffit, Bruce Lawder, Carlo Moos, Fred Wakeman, Jeffrey Bale, Joel Colton, Stanley Hoffmann, Juan Linz e às equipes de referência das bibliotecas da Columbia University. Os erros que permaneceram são de minha exclusiva responsabilidade.

E, sobretudo, Sarah Plimpton foi firme em seu estímulo e sábia e criteriosa em sua leitura crítica.

Robert. O. Paxton

1

INTRODUÇÃO

A INVENÇÃO DO FASCISMO

O fascismo foi a grande inovação política do século xx, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos. As demais grandes correntes da cultura política do Ocidente moderno – o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo – atingiram forma madura entre fins do século xviii e meados do século xix. Na década de 1890, contudo, o fascismo não havia ainda sido imaginado. Friedrich Engels, no prefácio de 1895 para a nova edição de *A luta de classes na França*, de Karl Marx, deixa claro que acreditava que a ampliação do eleitorado, fatalmente, traria mais votos para a esquerda. Segundo a firme crença de Engels, tanto o tempo quanto os números estavam do lado dos socialistas. “Se [a crescente votação socialista] continuar assim, ao final deste século [o século xix], nós [os socialistas] teremos conquistado a maior parte dos estratos médios da sociedade, os pequenos burgueses e os camponeses, transformando-nos na força decisiva do país.” “Os conservadores”, escreveu Engels, “já haviam percebido que a legalidade trabalhava contra eles. Ao contrário, “nós [os socialistas], sob essa legalidade, adquirimos músculos rijos, faces rosadas, e a aparência de vida eterna. A eles [os conservadores] nada resta a fazer senão encontrar, eles também, brechas nessa legalidade”.¹ Embora Engels previsse que os inimigos da esquerda

1. Friedrich Engels, 1895, prefácio a Karl Marx, *The Class Struggles in France* (1848-1850), em *The Marx-Engels Reader*. ed. Robert C. Tucker, 2. ed., Nova York: W. W. Norton, 1978, p. 571.

acabariam por lançar um contra-ataque, ele, em 1895, não poderia esperar que esse ataque viria a conquistar o apoio das massas. Uma ditadura antiesquerdista cercada de entusiasmo popular — essa foi a combinação inesperada que os fascistas conseguiriam criar no curto espaço de uma geração.

Os vislumbres premonitórios foram poucos. Um deles partiu de um jovem aristocrata francês de índole inquisitiva, Alexis de Tocqueville. Embora Tocqueville tenha encontrado muito o que admirar em sua visita aos Estados Unidos, em 1831, preocupou-se com o fato de que, numa democracia, a maioria detinha o poder de impor conformidade pela pressão social, na ausência de uma elite social independente.

O tipo de opressão com o qual são ameaçados os povos democráticos não se parecerá com nada antes visto no mundo; nossos contemporâneos não encontrariam em sua memória imagem que a ele se assemelhasse. Eu mesmo busco em vão uma expressão que reproduza com exatidão a idéia que formo dele e que o contenha. As velhas palavras despotismo e tirania não são adequadas. A coisa é nova e, portanto, tenho que tentar defini-la, já que não sou capaz de nomeá-la.²

Uma outra premonição veio na undécima hora e partiu de um engenheiro francês transformado em comentador social, Georges Sorel. Em 1908, Sorel criticou Marx por não ter percebido que “uma revolução alcançada em tempos de decadência” poderia “tomar como ideal uma volta ao passado, ou até mesmo a conservação social”.³

A palavra *fascismo* tem origem no *fascio* italiano, literalmente, um feixe ou maço. Em termos mais remotos, a palavra remetia ao *fasces* latino, um machado cercado por um feixe de varas que era levado diante dos magistrados, nas procissões públicas romanas, para significar a autoridade e a

2. Alexis de Tocqueville, *Democracy in America*, trad., ed. e intro. de Harvey C. Mansfield e Delba Winthrop. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 662, v. II, parte 4, cap. 6.

3. Georges Sorel, *Reflections on Violence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 79-80.

unidade do Estado. Antes de 1914, de modo geral, foi a esquerda que se apropriou do simbolismo do *fasces* romano. Marianne, o símbolo da República Francesa, foi muitas vezes retratada, no século XIX, portando o *fasces*, para representar a força da solidariedade republicana contra seus inimigos aristocratas e clericais.⁴ *Fasces* figuram com proeminência no Sheldonian Theater da Universidade de Oxford, de autoria de Christopher Wren, e também no Lincoln Memorial de Washington (1922), bem como na moeda norte-americana de um quarto de dólar cunhada em 1932.⁵

Os revolucionários italianos usaram o termo *fascio* em fins do século XIX, para evocar a solidariedade e o compromisso dos militantes. Os camponeses que se insurgiram contra os senhores de terra na Sicília, em 1893-1894, denominavam a si mesmos de os *Fasci Siciliani*. Quando, em fins de 1914, um grupo de nacionalistas de esquerda, aos quais logo veio a se juntar o pária socialista Benito Mussolini,⁶ tentou levar a Itália a participar da Primeira Guerra Mundial do lado dos Aliados, eles escolheram um nome cujo fim era comunicar tanto o fervor quanto a solidariedade de sua campanha: O Fascio Rivoluzionario d'Azione Interventista (A Liga Revolucionária de Ação Intervencionista).⁷ Ao fim da Primeira Guerra Mundial, Mussolini cunhou o termo *fascismo* para descrever o estado de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra⁸ que vinha reunindo a seu redor. Mesmo então, ele não

4. Ver Maurice Agulhon, *Marianne au combat: L'imagerie et la symbolique républicaine de 1789 à 1880*. Paris: Flammarion, 1979, p. 28-9, 108-9, e *Marianne au pouvoir*. Paris: Seuil, 1989, p. 77, 83.

5. Simonetta Falasca-Zamponi, *Fascist Spectacle: The Aesthetics of Power in Mussolini's Italy*. Berkeley: University of California Press, 1997, p. 95-9.

6. Mussolini havia sido figura de destaque na ala revolucionária do Partido Socialista Italiano, hostil ao reformismo e desconfiada das concessões feitas pela ala parlamentar do partido. Em 1912, com apenas 29 anos, ele se tornou editor do jornal do partido, *Avanti*. Foi expulso do partido no outono de 1914 por sua maioria pacifista, por defender a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial.

7. Pierre Milza, *Mussolini*. Paris: Fayard, 1999, p. 174, 176, 189. Já em 1911, Mussolini chamava de *fascio* o grupo socialista liderado por ele. R. J. B. Bosworth, *Mussolini*. Londres: Arnold, 2002, p. 52.

8. O termo é explicado nas p. 17-18.

possuía o monopólio da palavra *fascio*, que continuou sendo de uso geral entre grupos ativistas de diversos matizes políticos.⁹

Oficialmente, o fascismo nasceu em Milão, em um domingo, 23 de março de 1919. Naquela manhã, pouco mais de cem pessoas,¹⁰ entre elas veteranos de guerra, sindicalistas que haviam apoiado a guerra e intelectuais futuristas,¹¹ além de alguns repórteres e um certo número de mecos curiosos, encontraram-se na sala de reuniões da Aliança Industrial e Comercial de Milão, cujas janelas se abriam para a Piazza San Sepolcro, para “declarar guerra ao socialismo (...) em razão de este ter-se oposto ao nacionalismo”.¹² Nessa ocasião, Mussolini chamou seu movimento de Fasci di Combattimento, o que significa, aproximadamente, “fraternidades de combate”.

O programa fascista, divulgado meses mais tarde, era uma curiosa mistura de patriotismo de veteranos e de experimento social radical, uma espécie de “nacional-socialismo”. Do lado nacionalista, ele conclamava pela consecução dos objetivos expansionistas italianos nos Bálcãs e ao redor do Mediterrâneo, objetivos esses que haviam sido frustrados meses antes, na Conferência de Paz de Paris. Do lado radical, propunha o sufrágio feminino e o voto aos dezoito anos de idade, a abolição da câmara alta, a convocação de uma assembléia constituinte para redigir a proposta de uma nova constituição para a Itália (presumivelmente sem a monarquia), a jornada de trabalho de oito horas, a participação dos trabalhadores na “administração

9. Depois da derrota dos exércitos italianos em Caporetto, em novembro de 1917, um grande grupo de deputados e senadores liberais e conservadores formou um *fascio parlamentare di difesa nazionale*, que buscava mobilizar a opinião pública em defesa dos esforços de guerra.

10. A lista se expandiu mais tarde, com acréscimos oportunistas, quando pertencer ao grupo dos fundadores — os *sansepolcristi* — passou a ser vantajoso. Renzo de Felice, *Mussolini il rivoluzionario, 1883-1920*. Turim: Einaudi, 1965, p. 504.

11. O termo é explicado na p. 18.

12. Uma versão em inglês dos discursos proferidos por Mussolini naquele dia foi publicada em Charles F. Delzell, *Mediterranean Fascism, 1919-1945*. Nova York: Harper & Row, 1970, p. 7-11. Os relatos mais completos são De Felice, *Mussolini il rivoluzionario*, p. 504-9, e Milza, *Mussolini*, p. 236-40.

técnica das fábricas”, e a “expropriação parcial de todos os tipos de riqueza”, por meio de uma tributação pesada e progressiva do capital, o confisco de certos bens da Igreja e de 85 % dos lucros de guerra.¹³

O movimento de Mussolini não se restringia ao nacionalismo e aos ataques à propriedade, mas fervilhava também de prontidão para atos violentos, de antiintelectualismo, de rejeição a soluções de compromisso e de desprezo pela sociedade estabelecida, características essas comuns aos três grupos que constituíam a massa de seus primeiros seguidores — veteranos de guerra desmobilizados, sindicalistas pró-guerra e intelectuais futuristas.

Mussolini — ele mesmo um ex-soldado que se gabava de seus quarenta ferimentos¹⁴ — esperava voltar à política como líder dos veteranos. Um sólido núcleo central de seus seguidores provinha dos Arditi — unidades de combatentes de elite, calejados por experiência de linha de frente, e que se sentiam no direito de governar o país que eles haviam salvo.

Os sindicalistas pró-guerra haviam sido os companheiros mais próximos de Mussolini durante a luta para levar a Itália à guerra, em maio de 1915. Na Europa anterior à Primeira Guerra Mundial, o sindicalismo era o principal rival da classe trabalhadora do socialismo parlamentar. Embora, por volta de 1914, a maioria dos sindicalistas estivesse organizada em partidos eleitorais que competiam por cadeiras no parlamento, estes ainda mantinham suas raízes sindicais. Os socialistas parlamentares trabalhavam por reformas pontuais, enquanto esperavam pelos desdobramentos históricos que tornariam o capitalismo obsoleto, tal como profetizado pelos marxistas, ao passo que os sindicalistas, desdenhando as concessões exigidas pela ação parlamentar, e também o fato de a maioria dos socialistas estar comprometida com a evolução gradual, acreditavam que poderiam derrubar o capitalismo com a força de sua vontade. Concentrando-se na meta

13. Texto de 6 de junho de 1919, em De Felice, *Mussolini il rivoluzionario*, p. 744-45. Versões inglesas em Jeffrey T. Schnapp, ed., *A Primer of Italian Fascism*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2000, p. 3-6, e Delzell, p. 12-3.

14. Mussolini chegou a esse número auto-engrandecedor contando cada um dos estilhaços, grandes e pequenos, que o feriram em fevereiro de 1917, durante um exercício de treinamento com um lançador de granadas.

revolucionária final, mais que nas reivindicações corriqueiras de cada setor da classe trabalhadora, eles seriam capazes de formar “um grande sindicato” e provocar a queda do capitalismo de um só golpe, numa greve geral de proporções monumentais. Após a derrocada do capitalismo, os trabalhadores organizados internamente em seus próprios sindicatos permaneceriam como as únicas unidades funcionais do sistema produtivo e do sistema de trocas, numa sociedade livre e coletivista.¹⁵ Em maio de 1915, quando a totalidade dos socialistas parlamentares e a maioria dos sindicalistas italianos opunham-se veementemente à entrada da Itália na Primeira Grande Guerra, uns poucos espíritos ardorosos, reunidos em torno de Mussolini, concluíram que a guerra levaria a Itália para mais perto da revolução social do que aconteceria se o país permanecesse neutro. Eles haviam-se tornado os “sindicalistas nacionais”.¹⁶

O terceiro grupo ligado aos primeiros fascistas de Mussolini era composto de jovens intelectuais e estetas antiburgueses, como os futuristas. Os futuristas eram uma associação livre de artistas e escritores que apoiavam os “Manifestos Futuristas” de Filippo Tomaso Marinetti, o primeiro dos quais fora publicado em Paris, em 1909. Os seguidores de Marinetti repudiavam o legado cultural do passado reunido nos museus e nas bibliotecas e exaltavam as qualidades libertárias e vitalizantes da velocidade e da violência. “Um carro de corrida é mais belo que a Vitória de Samotrácia.”¹⁷

15. Uma útil introdução ao sindicalismo é Jeremy Jennings, *Syndicalism in France: A Study of Ideas*. Londres: Macmillan, 1990. O sindicalismo revolucionário era mais atraente para os trabalhadores fragmentados e mal-organizados da Espanha e da Itália do que para os numerosos e bem-organizados trabalhadores do norte da Europa, que obtiveram ganhos com a legislação reformista e com greves táticas em apoio a reivindicações específicas ao local de trabalho. Na verdade, ele deve ter atraído mais intelectuais do que trabalhadores. Ver Peter N. Stearns, *Revolutionary Syndicalism and French Labor: Cause without Rebels*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1971.

16. Zeev Sternhell et al. *The Birth of Fascist Ideology*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 160ff; David Roberts, *The Syndicalist Tradition and Italian Fascism*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1979; Emilio Gentile, *Le origini dell'ideologia fascista*. Bari: Laterza, 1975, p. 134-52.

17. Publicado no diário parisiense *Le Figaro* em 15 de março de 1909. Citado aqui a partir de Adrian Lyttelton. ed., *Italian Fascisms: From Pareto to Gentile*. Nova York: Harper Torchbooks, 1973, p. 211.

Em 1914, eles haviam ansiado pela aventura da guerra, e continuaram a seguir Mussolini em 1919.

Uma outra corrente intelectual que fornecia recrutas a Mussolini consistia daqueles que criticavam as vergonhosas concessões feitas pelo parlamentarismo italiano, e que sonhavam com um “segundo *Risorgimento*”.¹⁸ O primeiro *Risorgimento*, a seu ver, havia deixado a Itália nas mãos de uma oligarquia estreita, cujos insensíveis jogos políticos não condiziam com o prestígio cultural da Itália; nem com suas ambições de Grande Potência. Era hora de concluir a “revolução nacional” e de dar à Itália um “novo Estado”, capaz de convocar líderes enérgicos, cidadãos motivados e a comunidade nacional unida que a Itália merecia. Muitos desses defensores de um “segundo *Risorgimento*” escreviam para a revista cultural florentina *La Voce*, da qual o jovem Mussolini era assinante, e com cujo editor, Giuseppe Prezzolini, ele se correspondia. Após a guerra, a aprovação da revista conferiu respeitabilidade ao movimento fascista nascente e difundiu entre os nacionalistas de classe média a aceitação de uma “revolução nacional” radical.¹⁹

Em 5 de abril de 1919, pouco depois da reunião inaugural do fascismo, realizada na Piazza San Sepolcro, um grupo de amigos de Mussolini, incluindo Marinetti e o chefe dos Arditi, Ferruccio Vecchi, invadiram o escritório do jornal socialista *Avanti*, em Milão, do qual o próprio Mussolini havia sido editor, entre 1912 e 1914. Eles destruíram todo o equipamento. Quatro pessoas foram mortas, inclusive um soldado, e trinta e nove ficaram feridas.²⁰ O fascismo italiano, desse modo, irrompeu na história por meio de um ato de violência contra não apenas o socialismo como também contra a legalidade burguesa, em nome de um pretense bem nacional maior.

O fascismo recebeu seu nome e deu seus primeiros passos na Itália. Mussolini, entretanto, não era um aventureiro solitário. Movimentos semelhantes vinham surgindo na Europa do pós-guerra, independentes do

18. O primeiro *Risorgimento*, ou renascimento, inspirado pelo nacionalismo humanista de Giuseppe Mazzini, havia unido a Itália entre 1859 e 1870.

19. Emilio Gentile, *Il mito dello stato nuovo dall'antigiolittismo al fascismo*. Bari: Laterza, 1982; Walter Adamson, *Avant-garde Florence: From Modernism to Fascism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

20. De Felice, *Mussolini il rivoluzionario*, p. 521.

fascismo de Mussolini, mas expressando a mesma mistura de nacionalismo, anticapitalismo, voluntarismo e violência ativa contra seus inimigos, tanto burgueses quanto socialistas. (Tratarei de maneira mais completa, no capítulo 2, da longa lista dos primeiros fascismos).

Pouco mais de três anos após a reunião da Piazza San Sepolcro, o Partido Fascista de Mussolini ocupava o poder na Itália. Onze anos mais tarde, um outro partido fascista tomou o poder na Alemanha.²¹ Não demorou muito para que a Europa, e até mesmo outras regiões do mundo, fervilhassem com aspirantes a ditador e marchas de esquadrões que acreditavam estar trilhando o mesmo caminho para o poder que Mussolini e Hitler. Em outros seis anos, Hitler havia jogado a Europa numa guerra que acabaria por tragar grande parte do mundo. Antes de ela chegar ao fim, a humanidade havia sofrido não apenas as barbaridades costumeiras das guerras, desta vez alçadas a uma escala sem precedentes pela tecnologia e pela paixão, mas também a tentativa de extinguir, por meio de um massacre em escala industrial, todo um povo, sua cultura e sua própria memória.

Ao ver Mussolini — ex-mestre-escola, boêmio, escritor menor e, em épocas anteriores, orador e editor socialista — e Hitler — ex-cabo do exército e estudante de arte fracassado —, cercados por seus rufiões encamisados, governar Grandes Potências europeias, muitas pessoas educadas e sensíveis supuseram, simplesmente, que “uma horda de bárbaros (...) armou suas

21. Há um intenso debate sobre se o Partido Nazista era “fascista” ou se ele era algo *sui generis*. Mais adiante, explicaremos por que consideramos o nazismo uma forma de fascismo. Por ora, observamos simplesmente que Hitler mantinha um monumental busto do *Duce* em seu gabinete na sede do partido nazista, na Casa Marrom, em Munique (Ian Kershaw, *Hitler 1889-1936: Hubris*. Nova York: Norton, 1999, p. 343). Mesmo no auge do poder nazista, quando a maior parte destes preferia não dar precedência à Itália ao rotular a Alemanha de “fascista”, Hitler ainda definia a si mesmo como “sincero admirador e discípulo” de Mussolini. Uma carta contendo esses termos, remetida ao *Duce* em 21 de outubro de 1942, no vigésimo aniversário da Marcha sobre Roma, foi publicada em Meir Michaelis, “I rapporti fra fascismo e nazismo prima dell’avvento di Hitler al potere (1922-1933)”, *Rivista Storica Italiana*, v. 85, n. 3, p. 545, 1973. A análise mais recente dos laços existentes entre Hitler e Mussolini é de Wolfgang Schieder, “The German Right and Italian Fascism”, em Hans Mommsen, ed., *The Third Reich Between Vision and Reality: New Perspectives on German History*. Oxford: Berg, 2001, p. 39-57.

tendas no interior da nação”.²² O romancista Thomas Mann, em 27 de março de 1933, dois meses após Hitler ter se tornado Chanceler da Alemanha, anotou em seu diário que ele havia testemunhado uma revolução jamais antes vista, uma revolução “sem idéias que a embasassem, contrária às idéias, contrária a tudo o que há de mais nobre, de melhor, de mais decente, contrária à liberdade, à verdade e à justiça”. A “ralé comum” havia tomado o poder, “cercada de grande júbilo por parte das massas”.²³

Em seu exílio interno em Nápoles, o eminente filósofo-historiador e liberal italiano, Benedetto Croce, observou desdenhosamente que Mussolini havia acrescentado um quarto tipo de mau governo — a “onagrocrazia”, o governo dos asnos zurrantes — aos três famosos tipos descritos por Aristóteles: a tirania, a oligarquia e a democracia.²⁴ Croce, mais tarde, concluiu que o fascismo fora apenas um “parênteses” na história italiana, o resultado temporário de um declínio moral agravado pelos deslocamentos da Primeira Grande Guerra. Friedrich Meineke, historiador alemão de tendência liberal, pensou de forma semelhante, após Hitler ter levado a Alemanha à catástrofe, que o nazismo havia surgido de uma degeneração moral na qual técnicos ignorantes e superficiais, os *Machtmenschen*, apoiados por uma sociedade de massas sedenta por excitação, haviam triunfado sobre os humanistas equilibrados e racionais, os *Kulturmenschen*.²⁵ A solução, na opinião de ambos os autores, era restaurar uma sociedade onde o governo estivesse nas mãos dos “melhores”.

22. Palavras do próprio Mussolini, zombando da incapacidade de seus inimigos de compreender “a nobre paixão da juventude italiana”. Discurso proferido em 3 de janeiro de 1925, em Eduardo e Duilio Susmel, eds., *Opera Omnia di Benito Mussolini*. Florença: La Fenice, 1956, v. XXI, 238ff.

23. Thomas Mann, *Diaries 1918-1939*, seleção e prefácio de Herman Kesten, trad. do alemão por Richard e Clara Winston. Nova York: H. N. Abrams, 1982, p. 136 e seguintes. A repugnância que Mann sentia pelo “barbarismo” nazista não o impediu de confessar, em 20 de abril de 1933, um “certo grau de compreensão da rebelião contra o elemento judeu” (p. 153).

24. Citado em Alberto Aquarone e Maurizio Vernassa, eds., *Il regime fascista*. Bolonha: Il Mulino, 1974, p. 48.

25. Friedrich Meinecke, *Die deutsche Katastrophe*. Wiesbaden: Brockhaus, 1946, trad. como *The German Catastrophe*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1950.

Outros observadores, desde o início, perceberam que a questão era mais profunda que a ascensão fortuita de meliantes, e mais precisa que a decadência da antiga ordem moral. Os marxistas, as primeiras vítimas do nazismo, estavam acostumados a pensar a história como o desdobramento grandioso de processos profundos, por meio do entrelaçamento de sistemas econômicos. Mesmo antes de Mussolini ter consolidado por completo seu poder, os marxistas já tinham pronta sua definição para o fascismo, “o instrumento da grande burguesia em sua luta contra o proletariado, sempre que os meios legais disponíveis ao Estado mostram-se insuficientes para contê-lo”.²⁶ No tempo de Stálin, essa definição enrijeceu-se numa fórmula férrea, que se transformou na ortodoxia comunista vigente por meio século: “O fascismo é a ditadura explícita e terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro”.²⁷

Ao longo dos anos, muitas outras interpretações e definições viriam a ser propostas, mas, até hoje, mais de oitenta anos após a reunião de San Sepolcro, nenhuma delas alcançou aceitação universal como sendo uma explicação totalmente satisfatória para um fenômeno que, aparentemente, surgiu do nada, tomou múltiplas e variadas formas, exaltou o ódio e a violência em nome da superioridade nacional e, entretanto, conseguiu atrair estadistas, empresários, profissionais, artistas e intelectuais de prestígio e cultura. No capítulo 8, após termos alcançado uma maior compreensão de nosso tema, irei reexaminar essas muitas interpretações.

Além disso, os movimentos fascistas variaram de forma tão evidente de um contexto nacional para outro que há quem chegue a duvidar de que o termo *fascismo* de fato signifique algo além de um rótulo pejorativo. Esse epíteto é usado de forma tão vaga que praticamente qualquer pessoa que detenha ou alegue autoridade já foi tachada de fascista por alguém. Talvez, como fazem os cétricos, fosse melhor simplesmente descartar o termo.²⁸

26. Resolução da Internacional Comunista, em julho de 1924, citada em David Beetham, ed., *Marxists in Face of Fascism: Writings by Marxists on Fascism From the Interwar Period*. Manchester: University of Manchester Press, 1983, p. 152-3.

27. Roger Griffin, ed., *Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 262.

28. O maior cétrico é Gilbert Allardyce, “What Fascism is not: Thoughts on the deflation of a concept”, *American Historical Review*, v. 84, n. 2, p. 367-88, abr. 1979.

É objetivo deste livro propor uma nova maneira de encarar o fascismo, de modo a resgatar o conceito para usos significativos e explicar melhor seu fascínio, sua complexa trajetória histórica e seu horror fundamental.

AS IMAGENS DO FASCISMO

Todos têm certeza de que sabem o que o fascismo é. Na mais explicitamente visual de todas as formas políticas, o fascismo se apresenta a nós por vívidas imagens primárias: um demagogo chauvinista discursando bombasticamente para uma multidão em êxtase; fileiras disciplinadas de jovens desfilando em paradas; militantes vestindo camisas coloridas e espancando membros de alguma minoria demonizada; invasões-surpresa ao nascer do sol e soldados de impecável forma física marchando por uma cidade capturada.

Se examinadas mais de perto, entretanto, algumas dessas imagens familiares podem induzir a erros irrefletidos. A imagem do ditador todo-poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente. Essa imagem, cujo poder perdura até hoje, representa o derradeiro triunfo dos propagandistas do fascismo. Ela oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram os líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio. Necessitamos de um modelo mais sutil do fascismo, que examine as interações entre o Líder e a Nação, e entre o Partido e a sociedade civil.

As imagens das multidões cantando hinos alimenta a suposição de que alguns povos europeus eram, por natureza, predispostos ao fascismo, e responderam a ele com entusiasmo devido a seu caráter nacional. O corolário dessa imagem é uma crença condescendente de que o fascismo foi gerado pelas mazelas da história de determinadas nações,²⁹ crença essa que se con-

29. Algumas obras dos anos 1940, coloridas com propaganda do período da guerra, viam o nazismo como um desenvolvimento lógico da cultura nacional alemã. Ver, entre outros, W. M. McGovern, *From Luther to Hitler: The History of Fascist-Nazi Political Philosophy*. Boston: Houghton Mifflin, 1941; e Rohan d'Olier Butler, *The Roots of National Socialism*. Nova York: E. P. Dutton, 1942. O principal exemplo francês é Edmond-Joachim Vermeil,

verte num álibi para os países espectadores: isso jamais aconteceria aqui. Para além dessas imagens familiares, num exame mais cuidadoso, a realidade fascista torna-se ainda mais complexa. Por exemplo, o regime que inventou a palavra *fascismo* — a Itália de Mussolini — mostrou poucos sinais de anti-semitismo até ter ocupado o poder por dezesseis anos. Na verdade, Mussolini contava com o apoio de industriais e proprietários de terra judeus, que, nos primeiros tempos, lhe forneceram ajuda financeira.³⁰ Alguns de seus amigos mais próximos eram judeus, como o militante do Partido Fascista Aldo Finzi, e ele teve uma amante judia, a escritora Margherita Sarfatti, autora de sua primeira biografia autorizada.³¹ Cerca de duzentos judeus participaram da Marcha sobre Roma.³² Por outro lado, o governo colaboracionista francês de Vichy (1940-1944), encabeçado pelo Marechal Pétain, era agressivamente anti-semita, embora, sob outros aspectos, presen- te-se mais à classificação de autoritário³³ que de fascista, como veremos

L'Allemagne: Essai d'explication. Paris: Gallimard, 1940. O exemplo contemporâneo mais deprimente é Daniel Jonah Goldhagen, *Hitler's Willing Executioners*. Nova York: Knopf, 1996, deprimente porque o autor deturpou um valioso estudo sobre o sadismo do baixo escalão dos responsáveis pelo Holocausto e o transformou assim numa demonização primitiva de todo o povo alemão, camuflando o fato de que muitos desses cúmplices eram não-alemães, e também que havia alguns alemães de índole humanitária.

30. Alexander Stille, *Benevolence and Betrayal: Five Italian Jewish Families Under Fascism*. Nova York: Penguin, 1993, oferece exemplos interessantes de judeus ricos que atuavam como financiadores em Turim e Ferrara, embora também houvesse judeus nas fileiras da resistência antifascista, notadamente no movimento *Giustizia e Libertà*. Quando foram decretadas as leis raciais italianas, em 1938, um em cada três judeus italianos adultos era membro do Partido Fascista (p. 22).

31. Philip V. Canistraro e Brian R. Sullivan, *Il Duce's Other Woman*. Nova York: Morrow, 1993.

32. Susan Zuccotti, *The Italians and the Holocaust: Persecution, Rescue, Survival*. Nova York: Basic Books, 1987, p. 24.

33. As ditaduras autoritárias governam por meio de forças conservadoras preexistentes (as igrejas, os exércitos, os interesses econômicos organizados) e buscam desmobilizar a opinião pública, ao passo que os fascistas governam por meio de um partido único e tentam gerar entusiasmo público. Discutiremos essa distinção mais detidamente no capítulo 8, p. 358-362.

no capítulo 8. Desse modo, é problemático considerar o anti-semitismo exacerbado como a essência do fascismo.³⁴

Uma outra característica supostamente essencial do fascismo é seu ânimo anticapitalista e antiburguês. Os primeiros movimentos fascistas ostentavam seu desprezo pelos valores burgueses e por aqueles que queriam apenas “ganhar dinheiro, dinheiro, imundo dinheiro”.³⁵ Atacavam o “capitalismo financeiro internacional” com quase a mesma veemência com que atacavam os socialistas. Chegaram a prometer expropriar os donos de lojas de departamentos em favor de artesãos patrióticos, e os grandes proprietários de terras em favor dos camponeses.³⁶

Quando os partidos fascistas chegaram ao poder, entretanto, eles nada fizeram para cumprir essas ameaças anticapitalistas. Puseram em prática com extrema e eficaz violência suas ameaças contra o socialismo. Brigas de rua em que os fascistas disputavam território com jovens comunistas

34. Para alguns autores, o anti-semitismo é o cerne da questão; eu o vejo como instrumental. Hannah Arendt, *Origins of Totalitarianism*, ed. rev. Nova York: Harcourt, Brace and World, 1966, entende que as raízes do totalitarismo surgem da fermentação de uma mistura de anti-semitismo, imperialismo e uma sociedade de massa atomizada. Ela não acreditava que a Itália de Mussolini fosse totalitária (p. 257-9, 308).

35. Otto Wagener, chefe do Estado-Maior dos SA e chefe do departamento de política econômica do NSDAP até 1933, citado em Henry A. Turner, ed., *Hitler aus nächster Nähe*. Frankfurt am Main: Ullstein, 1978, p. 374. Wagener quase se tornou ministro da Economia em junho de 1933. Ver capítulo 5, p. 243.

36. No Ponto 17 de seus 25 Pontos, divulgados em 24 de fevereiro de 1920, os nazistas prometiam a redistribuição das terras (Jeremy Noakes and Geoffrey Pridham, *Nazism 1919-1845*, v. I: *The Rise to Power, 1919-1934*. Exeter: University of Exeter Press, 1998, p. 15). Esse é apenas um dos 25 Pontos “inalteráveis” que Hitler, mais tarde, alterou de forma explícita quando, após 1928, passou a dedicar maior atenção ao recrutar para seu movimento camponeses dedicados à agricultura familiar. A ordem de 6 de março de 1930, que “completava” o Ponto 17 e afirmava a inviolabilidade da propriedade agrícola privada (com exceção de propriedade de judeus) está em *Hitler Reden, Schriften, Anordnungen, Februar 1925 bis Januar 1933*, editado pelo Institut für Zeitgeschichte. Munique: K. G. Saur, 1995, v. III, parte 3, p. 115-20. Uma versão em inglês aparece em Norman Baynes, ed., *The Speeches of Adolf Hitler*. Oxford: Oxford University Press, 1942, v. I, p. 105.

constavam entre suas mais poderosas imagens de propaganda.³⁷ Ao tomar o poder, proibiram as greves, dissolveram os sindicatos independentes, reduziram o poder de compra dos salários dos trabalhadores e despejaram dinheiro nas indústrias armamentistas, para a imensa satisfação dos patrões. Diante desses conflitos entre palavras e atos, no que se referia ao capitalismo, os estudiosos chegaram a conclusões opostas. Alguns, tomando literalmente as palavras, consideram o fascismo uma forma radical de anticapitalismo.³⁸ Outros, e não apenas os marxistas, adotam a posição diametralmente oposta, de que os fascistas vieram em socorro do capitalismo em apuros, dando sustentação, por meio de medidas emergenciais, ao sistema vigente de distribuição da propriedade e de hierarquia social.

Este livro adota a posição de que o que os fascistas *fizeram* é, no mínimo, tão informativo quanto o que *disseram*. O que disseram não pode ser ignorado, é claro, pois nos ajuda a entender o fascínio exercido por eles. Mesmo em sua forma mais radical, contudo, a retórica anticapitalista do fascismo era seletiva. Ao mesmo tempo em que denunciavam as finanças especulativas internacionais (juntamente com todas as outras formas de internacionalismo, cosmopolitismo ou de globalização), respeitaram as propriedades dos produtores nacionais, que deveriam vir a se constituir na base social de uma nação revigorada.³⁹ Suas denúncias contra a burguesia,

37. Eve Rosenhaft, *Beating the Fascists? The German Communists and Political Violence, 1929-1933*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. O hino nazista, "Horst-Wessel Lied" (Canção de Horst Wessel), falava da memória de um jovem rufião nazista morto numa briga desse tipo, omitindo o fato de que o motivo da briga foi uma rixa com sua senhoria. Ver Peter Longerich, *Die braune Bataillone: Geschichte der SA*. Munique: C. H. Beck, 1989, p. 138.

38. "Se havia uma coisa com a qual todos os fascistas e nacional-socialistas concordavam, era sua hostilidade ao capitalismo". Eugen Weber, *Varieties of Fascism*. Nova York: Van Nostrand, 1964, p. 47. Weber notou, é claro, que o oportunismo limitava o efeito prático dessa hostilidade. Ver também Eugen Weber, "Revolution? Counter-Revolution? What Revolution?", *Journal of Contemporary History*, v. 9, n. 2, p. 3-47, abr. 1974, reeditado em Walter Laqueur, ed., *Fascism: A Reader's Guide*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1976, p. 435-67.

39. Sobre o fato de Mussolini, bem cedo, ter abandonado o termo proletariado, substituindo-o por "forças produtivas", para designar a camada social que seria

contudo, referiam-se a ser débil e individualista demais para fortalecer a nação, e não a roubar a classe trabalhadora do valor agregado por seu trabalho. O que o fascismo criticava no capitalismo não era sua exploração, mas seu materialismo, sua indiferença para com a nação e sua incapacidade de incitar as almas.⁴⁰ Em um nível mais profundo, eles rejeitavam a idéia de que as forças econômicas são o motor básico da história. Para os fascistas, o capitalismo falho do período do entreguerras não necessitava ser reordenado em seus fundamentos. Suas mazelas poderiam ser curadas pela simples aplicação de vontade política para a criação de pleno emprego e produtividade.⁴¹ Uma vez no poder, os regimes fascistas confiscaram propriedade apenas de seus opositores políticos, dos estrangeiros e dos judeus. Nenhum deles alterou a hierarquia social, exceto para catapultar alguns aventureiros a posições de destaque. No máximo, eles substituíram as forças de mercado pela administração econômica estatal, mas, em meio às dificuldades da Grande Depressão, a maior parte dos empresários, de início, apoiou essa medida. Se o fascismo era "revolucionário", ele o era num sentido especial, bem distante da acepção que se costumava dar a essa palavra entre 1789 e 1917, de uma profunda subversão da ordem social e da redistribuição do poder social, político e econômico.

No entanto, o fascismo no poder de fato instaurou algumas mudanças profundas o suficiente para serem chamadas de "revolucionárias", se nos dispusermos a dar a esse termo um outro significado. Em seu desenvolvimento máximo, redesenhou as fronteiras entre o privado e o público, redu-

a base da renovação da nação, ver Sternhell et al., *Birth*, p. 12, 106, 160, 167, 175, 179, 182, 219.

40. Os autores, que confundem essas duas formas muito diferentes de ser antiburguês, simplesmente fazem uma leitura desatenta. Um exemplo recente é a afirmação do grande historiador da Revolução Francesa, François Furet, em repúdio a sua própria juventude comunista, de que tanto o fascismo como o comunismo surgem de uma autoaversão comum entre os burgueses jovens. Ver *The Passing of an Illusion: The Idea of Communism in the Twentieth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1999, p. 4, 14.

41. T. W. Mason, "The Primacy of Politics — Politics and Economics in National Socialist Germany", em Jane Caplan, ed., *Nazism, Fascism and the Working Class: Essays by Tim Mason*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 53-76. (Publicado pela primeira vez em alemão em *Das Argument*, v. 41, dez. 1966).

zindo drasticamente aquilo que antes era intocavelmente privado. Transformou a prática da cidadania, do gozo dos direitos e deveres constitucionais à participação em cerimônias de massa de afirmação e conformidade. Reformulou as relações entre o indivíduo e a coletividade, de forma a que um indivíduo não tivesse qualquer direito externo ao interesse comunitário. Ampliou os poderes do executivo – do partido e do Estado – na busca pelo controle total. Por fim, desencadeou emoções agressivas que, até então, a Europa só havia testemunhado em situações de guerra ou de revolução social. Essas transformações muitas vezes causaram conflito entre os fascistas e os conservadores radicados nas famílias, nas igrejas, na hierarquia social e na propriedade. Veremos adiante,⁴² ao examinarmos mais a fundo a complexa relação de cumplicidade, acomodação e ocasional oposição que ligava os capitalistas aos fascistas no poder, que o fascismo não é apenas uma forma mais truculenta de conservadorismo, apesar de ter preservado o regime vigente de propriedade e de hierarquia social.

É difícil situar o fascismo no tão familiar mapa político de direita-esquerda. Será que mesmo os líderes dos primeiros tempos saberiam fazê-lo? Quando Mussolini reuniu seus amigos na Piazza San Sepolcro, em março de 1919, ainda não estava bem claro se pretendia competir com seus antigos companheiros do Partido Socialista Italiano, à esquerda, ou atacá-los frontalmente a partir da direita. Em que ponto do espectro político italiano se encaixaria aquilo que ele, às vezes, ainda chamava de “nacional-sindicalismo”?⁴³ Na verdade, o fascismo sempre manteve essa ambigüidade.

42. A questão da “revolução fascista” é discutida em maiores detalhes no capítulo 5, p. 237-247.

43. O momento em que Mussolini abandonou o socialismo é uma questão muito discutida. Seu principal biógrafo italiano, Renzo de Felice, acredita que Mussolini ainda se considerava socialista em 1919 (*Mussolini il rivoluzionario*, p. 485, 498, 519). Milza, em *Mussolini*, crê que ele deixou de se considerar socialista no início de 1918, quando mudou o subtítulo de seu jornal *Il Popolo d'Italia* de “diário socialista” para “diário para guerreiros e produtores”, mas que, mesmo em 1919, ainda não havia optado claramente pela contra-revolução (p. 210, 228). Sternhell et al., *Birth*, p. 212, acredita que o fracasso da Semana Vermelha (junho de 1914) nas cidades industriais do norte da Itália “pôs fim ao socialismo de Mussolini”. Emilio Gentile diz que a expulsão de Mussolini do PSI, em se-

Sobre uma coisa, entretanto, os fascistas tinham clareza: não se situavam no Centro. Tinham um desprezo absoluto pela suavidade, pela complacência e pelas soluções de compromisso do Centro (apesar de os partidos fascistas, na sua luta pelo poder, terem precisado se aliar às elites centristas contra o inimigo comum representado pela esquerda). Seu desdém pelo parlamentarismo liberal e pelo displicente individualismo burguês, assim como o tom radical dos remédios preconizados por eles para a fraqueza e a desunião nacionais, sempre se chocava com a facilidade com que estabeleciam alianças pragmáticas com os conservadores nacionais contra a esquerda internacional. O ápice da reação fascista ao mapa político definido em relação à esquerda e direita foi alegar que eles o haviam tornado obsoleto, não sendo “nem de esquerda nem de direita”, havendo transcendido essas divisões arcaicas e unido a nação.

Uma outra contradição entre a retórica e a prática fascista diz respeito à modernização: a passagem do rural ao urbano, do artesanato à indústria, a divisão do trabalho, as sociedades seculares e a racionalização tecnológica. Os fascistas muitas vezes vituperavam contra as cidades sem rosto e contra o secularismo materialista, exaltando uma utopia agrária livre do desenraizamento, dos conflitos e da imoralidade da vida urbana.⁴⁴

tembro de 1914, deu início a uma longa evolução ideológica, mas que Mussolini sempre havia sido um socialista “herege”, mais nietzscheano que marxista (*Le origini dell'ideologia fascista (1918-1925)*, 2. ed. Bolonha: Il Mulino, 1996, p. 61-93). Bosworth, *Mussolini*, p. 107, concorda no que diz respeito ao momento da mudança, mas suspeita que Mussolini era um oportunista, para quem o socialismo representava apenas um meio convencional de ascensão para um arrivista provinciano. O centro da questão é como interpretar a continuidade de seu compromisso verbal com a “revolução”, assunto que retornaremos mais adiante.

44. Essa corrente era mais forte entre os nazistas (por exemplo, Walther Darré) e entre os fascistas da Europa Central que na Itália, embora Mussolini exaltasse a vida camponesa e tentasse manter os italianos em suas terras natais. Paul Corner, em “Fascist Agrarian Policy and the Italian Economy in the Interwar Years”, em J. A. Davis, ed., *Gramsci and Italy's Passive Revolution*. Londres: Croom Helm, 1979, p. 239-74, desconfia que essa atitude visava principalmente manter os desempregados longe das cidades, e que não prejudicava de forma alguma a política econômica que favorecia os grandes proprietários de terra. Alexander Nützenadel, *Landwirtschaft, Staat, und Autarkie: Agrarpolitik im faschis-*

E, no entanto, os líderes adoravam seus carros,⁴⁵ aviões velozes⁴⁶ e difundiam sua mensagem usando técnicas de propaganda e de cenografia fulgurantemente modernas. Tendo chegado ao poder, eles aceleraram o ritmo industrial a fim de rearmar o país. Por essa razão, é difícil postular que a essência do fascismo se reduza a uma reação antimodernista⁴⁷ ou a uma ditadura da modernização.⁴⁸

tischen Italien, Bibliothek des Deutschen Historischen Instituts in Rom, Band 86. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997, 45ff, acredita que, mesmo antes de chegar ao poder, Mussolini queria completar o *Risorgimento* com a integração dos camponeses.

45. O Duce dirigia seu próprio carro esportivo, um Alfa Romeo vermelho (Milza, *Mussolini*, p. 227, 318), algumas vezes acompanhado de seu filhote de leão. Hitler adorava quando seu motorista dirigia a toda velocidade numa potente Mercedes, que a empresa vendeu a ele pela metade do preço, a título de publicidade. Ver Bernard Bellon, *Mercedes in Peace and War*. Nova York: Columbia University Press, 1990, p. 232.

46. Hitler deslumbrava o público fazendo entradas espetaculares nos comícios eleitorais, chegando de avião. Mussolini era piloto praticante. Durante uma visita oficial à Alemanha, ele assustou Hitler, insistindo em assumir os controles do Condor oficial do Führer. Milza, *Mussolini*, p. 794-95. A Itália fascista investia pesadamente na aviação como forma de conquistar prestígio, e bateu recordes mundiais de velocidade e distância nos anos 1930. Ver Claudio C. Segre, *Italo Balbo: A Fascist Life*. Berkeley: University of California Press, 1987, parte II, "The Aviator". Para o líder fascista britânico Mosley, outro piloto, ver Colin Cook, "A Fascist Memory: Oswald Mosley and the Myth of the Airman", *European Review of History*, v. 4, n. 2, p. 147-62. 1997.

47. Na literatura mais antiga, dois tipos de abordagem tendiam a colocar a revolta contra a modernidade no cerne do nazismo: os estudos sobre a preparação cultural, como George L. Mosse, *The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich*. Nova York: Grosset and Dunlap, 1964, e Fritz Stern, *The Politics of Cultural Despair*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1961; e os estudos sobre os ressentimentos da classe média baixa, como Talcott Parsons, "Democracy and social structure in pre-nazi Germany", em Parsons, *Essays in Sociological Theory*. Glencoe, IL: Free Press, 1954, p. 104-23 (orig. pub. 1942), e Heinrich A. Winkler, *Mittelstand, Demokratie und Nationalsozialismus*. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 1972. A Itália não possui literatura equivalente – uma diferença importante.

48. A. James Gregor, *Italian Fascism and Developmental Dictatorship*. Princeton: Princeton University Press, 1979; Rainer Zitelmann, *Hitler: Selbstverständnis eines Revolutionärs*, nova ed. ampl. Munique: F. A. Habig, 1998. Zitelmann admite que ele fala de um Hitler que poderia ter existido, caso tivesse vencido a guerra, e não da "realidade econômica e

A melhor solução não é a de estabelecer opostos binários, mas sim de acompanhar a relação entre a modernidade e o fascismo ao longo de sua complexa trajetória histórica. Essa relação apresentou variações expressivas em seus diferentes estágios. Os primeiros movimentos fascistas exploraram os protestos das vítimas da industrialização rápida e da globalização – os perdedores da modernização – usando, sem dúvida alguma, os estilos e as técnicas de propaganda mais modernos.⁴⁹ Ao mesmo tempo, um número surpreendente de intelectuais "modernistas" via como estética e emocionalmente agradáveis a combinação fascista de uma aparência *high-tech* com ataques à sociedade moderna, bem como o desprezo pelo gosto burguês convencional.⁵⁰ Mais tarde, ao chegar ao poder, os regimes fascistas optaram decididamente pelo caminho da concentração e da produtividade industrial, pelas vias expressas⁵¹ e pelos armamentos. A pressa em se rearmar e em se lançar em guerras expansionistas rapidamente fez que fosse deixado de lado o sonho de um paraíso para os tão sofridos artesãos e camponeses que haviam formado a base de massas do fascismo nos primeiros tempos do movimento. Sobraram apenas alguns albergues da juventude de telhados de colmo, as *Lederhosen* que Hitler usava nos fins de semana e

social corrente" do regime, quando o Führer tinha que "levar em consideração os pontos de vista de seus parceiros de aliança conservadores" (p. 47-8, 502). Artigos partindo dessa mesma perspectiva foram reunidos em Michael Prinz e Rainer Zitelmann, eds., *Nationalsozialismus und Modernisierung*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991.

49. A. F. K. Organski, "Fascism and Modernization", em Stuart J. Woolf, ed., *Nature of Fascism*. Nova York: Random House, 1968, p. 19-41, acredita que o fascismo é mais provável no vulnerável ponto intermediário da transição a uma sociedade industrial, quando as muitas vítimas da industrialização podem fazer causa comum com o que restou da elite pré-industrial.

50. Uma lista parcial incluiria Ezra Pound, T. S. Eliot, W. B. Yeats, Wyndham Lewis e Gertrude Stein, que, empregaram técnicas literárias experimentais para criticar a sociedade moderna.

51. Mussolini tinha suas *autostrade*, Hitler suas *Autobahnen*, que serviam tanto para criar empregos quanto para fins simbólicos. Ver James D. Shand, "The Reichsautobahn: Symbol of the Third Reich", *Journal of Contemporary History*, v. 19, n. 2, p. 189-200, abr. 1984.

as fotografias de Mussolini, de peito nu, trabalhando na colheita de grãos, como símbolos da nostalgia rural dos primeiros tempos.⁵²

Apenas acompanhando o itinerário fascista como um todo poderemos chegar a uma conclusão sobre sua ambígua relação com a modernidade, que tanto perturba aqueles que buscam uma essência única para o fascismo. Algumas pessoas percorreram esse itinerário em suas próprias carreiras individuais. Albert Speer filiou-se ao partido em janeiro de 1931, como discípulo de Heinrich Tessenow, do Instituto de Tecnologia Berlim-Charlottenburg, que “não era moderno, embora, em alguns sentidos, fosse mais moderno que os demais”, em razão de sua crença numa arquitetura orgânica e simples.⁵³ Speer, em 1933, passou a projetar paisagens urbanas monumentais para Hitler e acabou, entre 1942 e 1945, no comando do poderio econômico alemão, como ministro dos armamentos. Mas o que esses regimes buscavam era uma modernidade alternativa: uma sociedade tecnicamente avançada, na qual as tensões e as cisões da modernidade houvessem sido sufocadas pelos poderes fascistas de integração e de controle.⁵⁴

Muitos viram no ato máximo da radicalização dos tempos de guerra — a matança de judeus — a negação da racionalidade moderna e um retorno à barbárie.⁵⁵ Mas é plausível perceber esse ato como expressão enlouquecida

52. O estudo clássico desse processo, no caso da Alemanha, é David Schoenbaum, *Hitler's Social Revolution: Class and Status in Nazi Germany, 1933-1939* (Nova York: Doubleday, 1966). No caso da Itália, ver a abrangente análise de Tim Mason, “Italy and Modernization”, *History Workshop*, v. 25, p. 127-47, primavera de 1988.

53. Albert Speer, *Inside the Third Reich: Memoirs*. Nova York: Macmillan, 1970, p. 11 (p. 4-17).

54. Jeffrey Herf, *Reactionary Modernism: Technology, Culture, and Politics in Weimar and the Third Reich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, vêm ambas reconciliadas numa tradição cultural alemã que usa a tecnologia para administrar as tensões da modernização. De acordo com Henry A. Turner, Jr., “Fascism and Modernization”, *World Politics* v. 24, n. 4, p. 547-64, julho 1972, reeditado em Turner, ed., *Reappraisals of Fascism*. Nova York: Watts, 1975, p. 117-39, o nazismo instrumentalizou a modernidade de forma a criar uma utopia agrária antimoderna no leste conquistado.

55. Hans Mommsen vê o nazismo como uma “modernização simulada”, a aplicação de técnicas modernas para a destruição irracional e para o desmantelamento deliberado do Estado moderno. Ver Mommsen, “Nationalsozialismus als Vorgetäuschte Moderni-

da modernidade alternativa fascista. A “limpeza étnica” nazista tomou como base os impulsos purificadores da medicina e da saúde pública do século xx, a ânsia dos eugenistas em erradicar os defeituosos e os impuros,⁵⁶ a estética do corpo perfeito e uma racionalidade científica que rejeitava os critérios morais.⁵⁷ Já foi sugerido que os antiquados pogroms teriam levado duzentos anos para completar o que a tecnologia avançada atingiu em três anos de Holocausto.⁵⁸

A complexa relação entre o fascismo e a modernidade não pode ser resolvida de uma só vez, nem com um simples sim ou não. Ela tem que ser

sierung”, em Mommsen, *Der Nationalsozialismus und die Deutsche Gesellschaft: Ausgewählte Aufsätze*, ed. Lutz Niethammer e Bernd Weisbrod. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1991, 405ff; “Noch einmal: Nationalsozialismus und Modernisierung”, *Geschichte und Gesellschaft*, v. 21, n. 3, p. 391-402, jul.-set. 1995; e “Modernität und Barbarei: Ammerkungen aus zeithistorischer Sicht,” em Max Miller e Hans-Georg Soeffner, eds., *Modemität und Barbarei: Soziologische Zeitdiagnose am Ende des 20. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996, p. 137-55.

56. Os americanos, os britânicos e até mesmo os suecos foram importantes pioneiros da esterilização forçada, seguidos de perto pelos alemães. Ver Daniel Kevles, *In the Name of Eugenics: Genetics and the Uses of Human Heredity*. Nova York: Knopf, 1985. O racismo biológico era muito mais fraco na Europa católica do sul, embora Mussolini tenha anunciado uma política de “higiene social e purificação nacional [profilassi]” em sua principal declaração política posterior ao estabelecimento da ditadura, o “Discurso do Dia da Ascensão”, de 16 de maio de 1927. Sobre as políticas de “purificação” médica da Alemanha nazista e a promoção, na Itália fascista, de *la razza e la stirpe* (raça e linhagem), compreendidas em termos culturais e históricos, ver o Ensaio Bibliográfico, p. 393-396.

57. Essa tese foi defendida de forma provocativa pelo falecido Detlev Peukert, “The Genesis of the ‘Final Solution’ from the Spirit of Science”, em Thomas Childers e Jane Caplan, eds., *Reevaluating the Third Reich* (Nova York: Holmes and Meier, 1993), p. 234-52. Ver também Zygmunt Bauman, *Modernity and the Holocaust*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1989, p. 149: “Considerada uma operação complexa e proposital, o Holocausto pode ser visto como o paradigma do racionalismo burocrático moderno. Quase tudo foi feito para atingir resultados máximos com um mínimo de custos e esforços”.

58. P. Sabini e Mary Silvers, “Destroying the innocent with a clear conscience: A sociopsychology of the Holocaust”, em Joel E. Dimsdale, ed., *Survivors, Victims, and Perpetrators: Essays in the Nazi Holocaust*. Washington: Hemisphere Publishing Corp., 1980, p. 329-30, citado em Bauman, *Modernity and the Holocaust*, p. 89-90.

desenvolvida no desenrolar da história da conquista e do exercício do poder pelos fascistas.⁵⁹ O trabalho mais satisfatório sobre o assunto mostra como os ressentimentos antimodernistas foram canalizados e neutralizados, passo a passo, em legislações específicas, por forças pragmáticas e intelectuais mais poderosas trabalhando a serviço de uma modernidade alternativa.⁶⁰ Temos que estudar a totalidade do itinerário fascista – de que forma exerceu sua prática – antes que possamos compreendê-lo com clareza.

Um outro problema das imagens convencionais do fascismo é que elas enfocam os momentos mais dramáticos do seu itinerário – a Marcha sobre Roma, o incêndio do Reichstag, a *Kristallnacht* – e omitem a textura sólida da experiência cotidiana, e também a cumplicidade das pessoas comuns no estabelecimento e no funcionamento dos regimes fascistas. Eles jamais teriam crescido sem a ajuda das pessoas comuns, mesmo das pessoas convencionalmente boas. Jamais teriam chegado ao poder sem a aquiescência, ou mesmo a concordância ativa das elites tradicionais – chefes de Estado, líderes partidários, altos funcionários do governo – muitos dos quais sentiam uma aversão enfastiada pela crueza dos militantes fascistas. Os excessos do fascismo no poder exigiam também uma ampla cumplicidade entre os membros do *establishment*: magistrados, policiais, oficiais do exército, homens de negócios. Para entender plenamente como funcionavam esses regimes, temos que descer ao nível das pessoas comuns e examinar as escolhas corriqueiras feitas por eles em sua rotina diária. Fazer essas escolhas significava aceitar o que parecia ser um mal menor, ou desviar o olhar de alguns excessos que, a curto prazo, não pareciam tão nocivos, e que, isola-

59. Essa questão é analisada criticamente por Carl Levy, "From Fascism to 'post-Fascists': Italian Roads to Modernity", e Mark Roseman, "National Socialism and Modernization", em Richard Bessel, ed., *Fascist Italy and Nazi German*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 165-96 e 197-229. Detlev K. Peukert entreteceu esses temas de forma prolífica em sua excelente obra *The Weimar Republic: The Crisis of Classical Modernity* (trad. do alemão por Richard Deveson). Nova York: Hill and Wang, 1991.

60. Um brilhante exemplo é Tim Mason, "The Origins of the Law on the Organization of National Labour of 20 January 1934: An Investigation into the Relationship Between 'Archaic' and 'Modern' Elements in Recent Germany History", em Caplan, *Nazism, Fascism and the Working Class*, p. 77-103.

damente, podiam ser vistos até mesmo como aceitáveis, mas que, cumulativamente, acabaram por se somar em monstruosos resultados finais.

Por exemplo, consideremos as reações dos alemães comuns aos acontecimentos da *Kristallnacht* (Noite dos Vidros Quebrados). Na noite de 9 de novembro de 1938, incitados por um discurso incendiário do ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels, dirigido aos líderes partidários, e reagindo ao assassinato de um diplomata alemão, em Paris, por um jovem judeu polonês enraivecido por seus pais imigrantes terem sido, pouco antes, expulsos da Alemanha, militantes do partido Nazista promoveram um grande quebra-quebra nas comunidades judaicas da Alemanha. Incendiaram centenas de sinagogas, destruíram mais de sete mil lojas de propriedade de judeus, deportaram cerca de 20 mil para campos de concentração e mataram no ato noventa e um. Uma multa de um bilhão de marcos foi imposta coletivamente aos judeus da Alemanha, e seus reembolsos de seguros foram confiscados pelo Estado alemão, a título de compensação por danos incidentais causados a propriedades de não-judeus. Hoje está claro que muitos alemães comuns ficaram indignados com as brutalidades cometidas sob suas janelas.⁶¹ No entanto, esse desgosto generalizado foi passageiro, não provocando efeitos de longo prazo. Por que não houve ações judiciais ou inquéritos administrativos, por exemplo? Se pudermos entender por que razão o sistema judicial, as autoridades religiosas e civis e a oposição civil não agiram de modo a pôr freio a Hitler, em novembro de 1938, começaremos a entender os círculos mais amplos de aquiescência individual e institucional, em meio aos quais uma minoria militante foi capaz de se ver suficientemente livre de restrições de qualquer natureza, a ponto de tornar-se capaz de praticar genocídio em um país até então sofisticado e civilizado.

61. A *Kristallnacht* foi a primeira e a última chacina coletiva de judeus praticada pelos nazistas nas ruas de cidades alemãs – o último massacre e o início do Holocausto (Bauman, *Modernity and the Holocaust*, p. 89). Sobre a reação do público, ver William S. Allen, "Die deutsche Öffentlichkeit und die Reichskristallnacht – Konflikte zwischen Werthearchie und Propaganda im Dritten Reich", em Detlev Peukert e Jürgen Reulecke, eds., *Die Reihen fast geschlossen: Beiträge zur Geschichte des Alltags unterm Nationalsozialismus*. Wuppertal: Harnmer, 1981, p. 397-412, e os estudos sobre a opinião pública citados no capítulo 9.

Essas são perguntas difíceis de responder, e nos levam para bem longe das imagens simplistas de líderes solitários e de multidões gritando “vivas”. Revelam também algumas das dificuldades surgidas na busca por uma essência única, o famoso “mínimo fascista”, que, supostamente, nos permitiria formular uma definição clara e geral do fascismo.

As definições são inerentemente limitantes. Delineiam um quadro estático de algo que é mais bem percebido em movimento, e mostram como “estatuária congelada”⁶² algo que é mais bem entendido se examinado como um processo. Com muita frequência, sucumbem à tentação intelectual de tomar como constitutivo o que não passam de declarações programáticas, e de identificar o fascismo mais com o que ele disse do que com o que ele fez. A procura pela definição perfeita, reduzindo o fascismo a uma sentença cada vez mais precisa, parece calar as perguntas sobre sua origem e trajetória de desenvolvimento, mais que abrir espaço para elas. É um pouco como observar as figuras de cera do Museu Madame Trussaud em vez de pessoas vivas, ou pássaros emoldurados em vidro em vez de pássaros vivos e soltos em seu habitat.

É claro que o fascismo não deve ser discutido sem que, em algum ponto do debate, se chegue a um conceito sobre o que ele vem a ser. Este livro pretende chegar a tal conceito ao final de sua jornada, e não partir de um já pronto. Proponho deixar de lado, por agora, o imperativo de se chegar a uma definição, e examinar em ação um conjunto central de movimentos e regimes que, de modo geral, são considerados fascistas (com a Itália e a Alemanha como os elementos predominantes de nossa amostra). Irei examinar sua trajetória histórica como uma série de processos que se desenrolam ao longo do tempo, e não como expressões de uma essência fixa.⁶³ Partiremos de uma estratégia, e não de uma definição.

62. Martin Broszat, “A Controversy about the historicization of National Socialism”, em Peter Baldwin, ed., *Reworking the Past: Hitler, the Holocaust, and the Historians' Debate*. Boston: Beacon Press, 1990, p. 127.

63. Tentar “historicizar” o fascismo faz disparar alarmes. Quando Martin Broszat defendeu que o nazismo fosse tratado como parte da história, e não abstratamente, como imagem emblemática do mal (“Plädoyer für eine Historisierung des Nationalsozialismus”, *Merkur*, v. 39, n. 5, p. 373-85, maio 1985), o historiador israelense Saul Friedländer alertou que, ao traçar continuidades e perceber normalidades entre atos criminosos,

ESTRATÉGIAS

Os desacordos quanto a como interpretar o fascismo partem de estratégias intelectuais profundamente diversas. Quais partes do elefante devemos examinar? Onde, na experiência moderna europeia e americana, devemos procurar para encontrar as sementes do fascismo e vê-las germinar? Em que tipos de circunstâncias ele cresceu com mais vigor? E quais aspectos da experiência fascista, exatamente, expõem de maneira mais clara a natureza desse complexo fenômeno: suas origens? seu crescimento? seu comportamento após chegar ao poder?

Se perguntadas sobre o que vem a ser o fascismo, a maioria das pessoas diria, sem hesitar: “é uma ideologia”.⁶⁴ Os próprios líderes nunca deixaram de afirmar que eram profetas de uma idéia, ao contrário dos materialistas liberais e socialistas. Hitler falava sem cessar de *Weltanschauung*, ou visão de mundo, uma palavra inadequada que ele conseguiu trazer à atenção de todo o mundo. Mussolini jactava-se do poder do credo fascista.⁶⁵ Segundo esse enfoque, um fascista é aquele que abraça a ideologia fascista — uma ideologia sendo mais que simples idéias, mas todo um sistema de pensamento subordinado a um projeto de transformação do mundo.⁶⁶ Já se tornou quase automático que livros a esse respeito concentrem seu foco sobre os pensadores, as atitudes e os padrões de pensamento que hoje chamamos de fascistas.

Aparentemente faria sentido que “começássemos por examinar os programas, as doutrinas e a propaganda de alguns dos principais movimentos fascistas, passando então às políticas e ao desempenho na prática dos dois únicos regimes fascistas dignos de nota”.⁶⁷ Dar precedência aos programas

corria-se o risco de banalizar o regime nazista. Ambos os artigos, e outras discussões esclarecedoras, foram reeditados em Baldwin, ed., *Reworking the Past* (ver nota anterior).

64. “O fascismo é um gênero de ideologia política (...)” (Roger Griffin, *The Nature of Fascism*. Londres: Routledge, 1991, p. 26). Por trás do fascismo “reside um corpo coerente de pensamento” (Roger Eatwell, *Fascism: A History*. Londres: Penguin, 1996, p. xvii).

65. Por exemplo, Schnapp, *Primer*, p. 63.

66. Uma introdução útil à evolução dos significados de ideologia, termo criado durante a Revolução Francesa, é Andrew Vincent, *Modern Political Ideologies*, 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

67. Payne, *History*, p. 472.

significa partir do pressuposto implícito de que o fascismo era um “ismo”, como os demais grandes sistemas políticos do mundo moderno: conservadorismo, liberalismo, socialismo. Geralmente aceito sem questionamento, esse pressuposto merece exame.

Os outros “ismos” foram criados numa época em que a política era um acordo entre cavalheiros, conduzido por longos e eruditos debates parlamentares entre homens cultos, que apelavam não apenas à razão de seus interlocutores, mas também a seus sentimentos. Os “ismos” clássicos eram fundamentados em sistemas filosóficos coerentes, formulados no trabalho de pensadores sistemáticos. É natural que, ao tentar explicá-los, parta-se do exame de seus programas e da filosofia que os embasava.

O fascismo, ao contrário, era uma invenção nova, criada a partir do zero para a era da política de massas. Ele tentava apelar sobretudo às emoções, pelo uso de rituais, de cerimônias cuidadosamente encenadas e de retórica intensamente carregada. Uma inspeção mais minuciosa mostra que o papel nele desempenhado pelos programas e doutrinas é fundamentalmente diferente desse mesmo papel no conservadorismo, no liberalismo e no socialismo. O fascismo não se baseia de forma explícita num sistema filosófico complexo, e sim no sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito a predominar sobre os povos inferiores. Esse regime não recebeu embasamento intelectual de um construtor de sistemas como Marx, ou de alguma grande inteligência crítica, como Mill, Burke ou Tocqueville.⁶⁸

De forma extremamente dessemelhante aos “ismos” clássicos, a verdade do fascismo não dependia da correção de nenhuma das proposições apresentadas em seu nome. Ele é “verdadeiro” na medida em que ajuda a realizar o destino de uma raça, ou povo, ou sangue eleito, engalfinhado

68. *Mein Kampf* (“Minha Luta”), de Hitler, serviu de texto básico para o nazismo. Cópias primorosamente encadernadas eram dadas de presente a recém-casados e exibidas em lares nazistas. Trata-se de uma coleção poderosa e consistente, porém bombástica e auto-indulgente, de fragmentos autobiográficos e reflexões pessoais sobre raça, história e natureza humana. Para os escritos doutrinários de Mussolini, ver capítulo 1, p. 40 e a nota a seguir.

numa luta darwiniana com outros povos, e não à luz de algum tipo de razão abstrata e universal.

Nós [fascistas] não pensamos que a ideologia seja um problema a ser resolvido de forma a entronizar a verdade. Mas, nesse caso, será que lutar por uma ideologia significa lutar por uma mera aparência? Sem dúvida, a não ser que a consideremos segundo seu singular e eficaz valor histórico-psicológico. A verdade de uma ideologia reside em seu poder de mobilizar nossa capacidade para os ideais e para a ação. Sua verdade é absoluta na medida em que, ao viver dentro de nós, ela seja suficiente para exaurir essas capacidades.⁶⁹

A verdade era tudo aquilo que permitisse ao novo homem (e a nova mulher) fascista dominar os demais, e tudo o que levasse o povo eleito ao triunfo.

O fascismo não repousava na verdade de sua doutrina, mas na união mística do líder com o destino histórico de seu povo, idéia essa relacionada às idéias românticas de florescimento histórico nacional e de gênio individual artístico ou espiritual, embora, em outros aspectos, negasse a exaltação romântica da criatividade pessoal desimpedida.⁷⁰ O líder queria levar seu povo a um campo mais elevado da política, campo esse que podia ser experimentado de forma sensual: o calor de pertencer a uma raça agora plenamente consciente de sua identidade, destino histórico e poder; o entusiasmo de participar de uma vasta empreitada coletiva; a gratificação de deixar-se submergir numa onda de sentimentos coletivos e de sacrificar as próprias preocupações mesquinhas em favor do interesse grupal; e a emoção do domínio. Walter Benjamin, o crítico cultural e exilado alemão, foi o primeiro a observar que o fato de o fascismo ter deliberadamente substituído o debate ponderado pela experiência sensorial imediata transformou

69. A. Bertelè, *Aspetti ideologici del fascismo*. Turim, 1930, citado em Emilio Gentile, “Alcuni considerazioni sull’ideologia del fascismo”, *Storia contemporanea*, v. 5, n. 1, p. 117, mar.1974. Agradeço a Carlo Moos pela ajuda na tradução dessa difícil passagem.

70. Isaiah Berlin associou explicitamente fascismo e romantismo em “The essence of European Romanticism”, em Henry Hardy, ed., *The Power of Ideas*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 204.

a política em estética. E o ápice da experiência estética fascista, advertiu Benjamin em 1936, seria a guerra.⁷¹

Os líderes fascistas não faziam segredo de não terem um programa. Mussolini exaltava essa ausência. “Os *Fasci di Combattimento*”, escreveu ele nos “Postulados do Programa Fascista” de maio de 1920, “não se sentem presos a qualquer tipo particular de forma doutrinária”.⁷² Poucos meses antes de se tornar primeiro-ministro da Itália, respondeu de forma truculenta a um crítico que exigia saber qual era seu programa: “Os democratas do *Il Mondo* querem saber qual é o nosso programa? Nosso programa é quebrar os ossos dos democratas do *Il Mondo*. E quanto antes, melhor”.⁷³ “O punho é a síntese de nossa teoria”,⁷⁴ afirmou um militante da década de 1920. Mussolini gostava de declarar que ele próprio era a definição do fascismo. A vontade e a liderança de um *Duce* era o que um povo moderno necessitava, não uma doutrina. Foi só em 1932, após ter estado no poder por dez anos, e quando quis “normalizar” seu regime, que Mussolini formulou a doutrina fascista, num artigo (parcialmente redigido pelo filósofo Giovanni Gentile) para a *Enciclopedia Italiana*.⁷⁵ O poder vinha em primeiro lugar, a doutrina, depois. Hannah Arendt observou que Mussolini “foi provavelmente o primeiro líder a conscientemente rejeitar um programa formal, substituindo-o unicamente por liderança inspirada e ação”.⁷⁶

71. Walter Benjamin, “The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction”, publicado pela primeira vez em *Zeitschrift für Sozialforschung*, v. 5, n. 1, 1936, reeditado em Benjamin, *Illuminations*. Nova York: Schocken, 1969. Ver especialmente p. 241-2, em que Benjamin cita Marinetti sobre a beleza da recém-terminada Guerra da Etiópia: “[...] [a guerra] enriquece um campo florido com as orquídeas de fogo das metralhadoras [...]”

72. Delzell, *Mediterranean Fascism*, p. 14.

73. Citado em R. J. B. Bosworth, *The Italian Dictatorship: Problems and Perspectives in the Interpretation of Mussolini and Fascism*. Londres: Arnold, 1998, p. 39.

74. Emilio Gentile, *Storia del partito fascista 1919-1922: Movimento e milizia*. Bari: Laterza, 1989, p. 498.

75. “La dottrina del fascismo”, *Enciclopedia italiana* (1932), v. XIV, p. 847-51. Uma versão em inglês teve ampla divulgação: Benito Mussolini, *The Doctrine of Fascism*. Florença: Vallecchi, 1935, e edições posteriores. Uma versão em inglês recente é Jeffrey T. Schnapp, ed., *Primer*, p. 46-61.

76. Arendt, *Origins*, n. 39, p. 325. Cf. Salvatore Lupo, *Il fascismo: La politica in un regime totalitário*. Roma: Donzelli, 2000: “O que determinou o composto fascista foram

Hitler apresentou um programa (os 25 Pontos de Fevereiro de 1920) e o proclamou imutável, embora passando por cima de muitos de seus dispositivos. Embora os aniversários do programa fossem celebrados, ele era menos um guia para a ação do que um sinal de que o debate havia sido encerrado dentro do partido. Em sua primeira fala pública como chanceler, Hitler ridicularizou aqueles que diziam: “mostrem-nos os detalhes de seu programa. Sempre me recusei a aparecer diante deste *Volk* e fazer promessas baratas”.⁷⁷

A relação especial do fascismo com a doutrina teve diversas consequências. O que contava era o zelo incondicional dos fiéis, mais que sua concordância intelectual.⁷⁸ Os programas eram informais e fluidos. A relação entre os intelectuais e um movimento que desprezava o pensamento era ainda mais desconfortável que a sabidamente espinhosa relação entre o comunismo e seus companheiros de viagens intelectuais. Muitos dos intelectuais associados aos primeiros tempos do fascismo afastaram-se ou passaram para a oposição, após os movimentos fascistas, vendo-se bem-sucedidos, terem feito as concessões necessárias para conquistar aliados e subir ao poder, ou quando este revelou seu brutal antiintelectualismo. À medida que fomos prosseguindo, encontraremos alguns desses intelectuais renegados.

A radical instrumentalização da verdade adotada pelos fascistas explica por que razão eles nunca se deram ao trabalho de escrever obras casuísticas nas ocasiões em que alteravam seu programa, o que acontecia com frequência e sem o menor escrúpulo. Stálin gastou muito tempo escrevendo para provar que as políticas ditadas por ele, de algum modo, estavam em conformidade com os princípios de Marx e de Lênin. Hitler e Mussolini

mais os fatos concretos da política da época do que o magma incoerente das ideologias passadas” (p. 18).

77. Max Domarus, *Hitler Speeches and Proclamations, 1932-1945*. Londres: L. B. Taurus, 1990, v. I, p. 246 (10 de fevereiro de 1933).

78. Leszek Kolakowski percebeu, com exemplar clareza, a forma como uma ideologia fechada e totalizadora serve para calar perguntas críticas em “Why an Ideology Is Always Right”, em Kolakowski, *Modernity on Endless Tria*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

jamais se preocuparam com justificações teóricas dessa natureza. *Das Blut* ou *la razza* determinaria quem tinha razão. Isso não significa, contudo, que as raízes ideológicas dos primórdios dos movimentos fascistas não sejam importantes. Temos que determinar exatamente em que a história intelectual e cultural de seus fundadores pôde contribuir para nossa compreensão do fascismo, e em que ela não pôde.

Os intelectuais dos primeiros tempos exerceram influências importantes e de diversos tipos. Em primeiro lugar, ajudaram a abrir espaço para os movimentos fascistas, enfraquecendo o apego das elites aos valores do Iluminismo, até então amplamente aceitos e aplicados de forma concreta no governo constitucional e na sociedade liberal. Os intelectuais tornaram possível imaginar o fascismo. O que Roger Chartier tinha a dizer sobre a preparação cultural como a “causa” da Revolução Francesa está extremamente correto também no caso do fascismo: “atribuir ‘origens culturais’ à Revolução Francesa de modo algum determina as causas da Revolução, mas assinala algumas das condições que a tornaram possível porque concebível”.⁷⁹ Por fim, os intelectuais ajudaram a pôr em marcha uma transformação emocional de dimensões sísmicas, na qual a esquerda deixava de ser o único recurso para os ofendidos e para aqueles inebriados por sonhos de mudança.

As bases ideológicas do fascismo reassumem importância central em seus estágios finais, como acompanhamento e guia para a radicalização dos tempos de guerra. Uma vez que, no campo de batalha e nos territórios inimigos ocupados, o núcleo central dos fascistas radicais havia se tornado independente de seus aliados conservadores, seu ódio racial e seu desprezo pelos valores liberais e humanistas se reafirmaram nas matanças ocorridas na Líbia, na Etiópia, na Polônia e na União Soviética.⁸⁰

79. Roger Chartier, *The Cultural Origins of the French Revolution*, traduzido do francês por Lydia G. Cochrane. Durham, NC: Duke University Press, 1991, p. 2.

80. Essa combinação pode surpreender, mas a brutalidade das campanhas africanas de Mussolini, ressaltada pelas pesquisas recentes, deve ser vista como aspecto central de seu regime. Mussolini, da mesma forma que Hitler, utilizou-se de campos de concentração e de limpeza étnica e usou gases tóxicos, coisa que Hitler nunca ousou fazer. Ver capítulo 6, p. 276-278, e as notas 63 e 68.

Embora o estudo da ideologia fascista auxilie na elucidação do princípio e do fim, ele é bem menos útil quando se trata de entender as fases médias do ciclo fascista. Com vistas a se tornar um ator político importante, conquistar o poder e exercê-lo, os líderes lançaram-se à construção de alianças e a soluções de compromisso político, pondo de lado, assim, partes de seu programa e aceitando a defecção ou a marginalização de alguns de seus militantes de primeira hora. Examinarei mais de perto essas experiências nos capítulos 3 e 4.

Nenhuma estratégia correta para o estudo do fascismo pode deixar de lado a totalidade do contexto no qual ele se formou e cresceu. Alguns enfoques partem da crise para a qual ele era uma resposta, correndo o risco de transformar essa crise numa causa. Uma crise do capitalismo, segundo os marxistas, deu origem ao fascismo. Incapazes de assegurar a contínua expansão dos mercados, o acesso cada vez mais amplo às matérias-primas e a mão-de-obra sempre barata e obediente, por meio da operação normal dos regimes constitucionais e do livre-mercado, os capitalistas viram-se obrigados, segundo os marxistas, a encontrar novas maneiras de alcançar esses objetivos pela força.

Outros vêem a crise fundadora como causada pela incapacidade do Estado e da sociedade liberal (na acepção de liberalismo como *laissez-faire*, corrente àquela época) de lidar com os desafios do mundo pós-1914. Guerras e revoluções haviam gerado problemas que o Parlamento e o mercado — as principais soluções liberais — ao que parece, não sabiam como resolver: as distorções das economias de comando central dos tempos de guerra e o desemprego em massa decorrente da desmobilização; a inflação fora de controle; o agravamento das tensões sociais e uma corrida à revolução social; a extensão do direito de voto a massas de cidadãos incultos, sem qualquer experiência de responsabilidade cívica; o acirramento das paixões pela propaganda de guerra; e as distorções do comércio e das trocas internacionais provocadas pelas dívidas de guerra e pela flutuação das moedas. O fascismo propôs novas soluções para esses desafios. Examinarei essa questão crucial mais adiante, no capítulo 3.

Os fascistas odiavam os liberais tanto quanto odiavam os socialistas, mas por razões diferentes. Para eles, a esquerda socialista e internaciona-

lista era o inimigo, e os liberais eram os cúmplices do inimigo. Com seu governo não-intervencionista, sua crença no debate aberto, seu pouco controle sobre a opinião das massas e sua relutância a recorrer ao uso da força, os liberais, aos olhos dos fascistas, eram guardiões da nação culposamente incompetentes no combate à luta de classes desencadeada pelos socialistas. Os próprios liberais de classe média, temerosos da ascensão da esquerda, ignorando o segredo do apelo às massas e tendo que enfrentar as impalatáveis escolhas a eles apresentadas pelo século XX, com freqüência estiveram tão dispostos quanto os conservadores a cooperar com os fascistas.

Todas as estratégias para entender o fascismo têm haver com a grande diversidade de casos nacionais. A principal questão, aqui, é se os fascismos são mais díspares que os demais "ismos".

Este livro toma a posição de que eles o são, porque rejeitam qualquer valor universal que não o êxito dos povos eleitos em sua luta darwiniana por primazia. Nos seus valores, a comunidade vem antes da humanidade, e o respeito aos direitos humanos e aos procedimentos legais foi suplantado pelo serviço ao destino do *Volk* ou da *razza*.⁸¹ Cada movimento nacional fascista, portanto, dá expressão plena a seu próprio particularismo cultural. Diferentemente dos outros "ismos", não é um produto de exportação: cada movimento guarda ciumentamente sua receita de renascimento nacional, e os líderes fascistas parecem sentir pouco ou nenhum parentesco com seus primos estrangeiros. Fazer funcionar uma "internacional" fascista mostrou ser uma tarefa impossível.⁸²

Em vez de levantarmos as mãos para o alto em desespero diante das disparidades radicais do fascismo, é melhor fazer essa circunstância negativa trabalhar a nosso favor. Pois a variedade convida a comparação. São precisamente as diferenças que separavam Hitler de Mussolini, e ambos, por exemplo, do messianismo religioso da Legião do Arcanjo Miguel, de Corneliu Codreanu, na Romênia, que tornam interessante essa comparação.

81. "O conceito fascista da vida (...) afirma o valor do indivíduo apenas na medida em que seus interesses coincidem com os do Estado". Mussolini, "Doctrine", em Schnapp, *Primer*, p. 48.

82. Michael A. Ledeen, *Universal Fascism*. Nova York: Howard Fertig, 1972.

As comparações, como nos lembrava Marc Bloch, são extremamente úteis para trazer à tona as diferenças.⁸³ É para isso que eu as uso. Não terei muito interesse em encontrar semelhanças a fim de determinar se um regime específico se enquadra na definição de algum tipo de essência fascista. Esse tipo de taxonomia, de uso tão geral na literatura sobre o fascismo, não nos leva muito longe. Buscarei, da forma mais precisa possível, as razões para os diferentes resultados. Os movimentos que deliberadamente se denominavam fascistas, ou usavam Mussolini como modelo, existiram em todos os países ocidentais após a Primeira Grande Guerra e, em alguns casos, também fora do mundo ocidental. Por que razão movimentos de inspiração semelhante chegaram a resultados tão diferentes em diferentes sociedades? As comparações, usadas dessa maneira, serão uma das estratégias centrais deste trabalho.

PARA ONDE VAMOS A PARTIR DAQUI?

Perante a grande variedade de fascismos e à dificuldade de definir o "mínimo fascista", três tipos de reação tenderam a ocorrer. Como vimos já de partida, alguns acadêmicos, exasperados com o desleixo com que o termo costumava ser usado, negam que ele tenha qualquer significado. Eles chegaram, com toda a seriedade, a propor limitá-lo ao caso particular⁸⁴ de Mussolini. Se seguissemos seu conselho, chamaríamos o regime de Hitler de nazismo, o de Mussolini de fascismo, e cada um dos demais movimentos assemelhados por seu próprio nome. Trataríamos cada um deles como um fenômeno separado.

83. Marc Bloch, "Towards a comparative history of european society", em Bloch, *Land and Work in Medieval Europe: Selected Papers*, trad. J. E. Anderson. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1967, p. 58 (orig. pub. 1928).

84. Ver nota 28. Vários acadêmicos importantes, notadamente Sternhell e Bracher, acreditam que "uma teoria geral que busque combinar fascismo e nazismo (...) não é possível" (Sternhell, *Birth*, p. 5). Seu principal argumento é o de que o racismo biológico é de importância central no nacional-socialismo e fraco no fascismo. Este livro defende que todos os fascismos se mobilizam contra *algum* inimigo, seja ele interno ou externo, mas que é a cultura nacional que fornece a identidade desse inimigo.

Este livro rejeita um tal nominalismo. O termo *fascismo* deve ser resgatado do uso malfeito que vem tendo, e não jogado fora em razão desse uso. Ele continua sendo indispensável. Precisamos de um termo genérico para o que é um fenômeno geral, na verdade, a novidade política mais importante do século XX: um movimento popular contra a esquerda e contra o individualismo liberal. Ao contemplar o fascismo, vemos como o século XX contrastou com o século XIX, e o que o século XXI tem que evitar.

A grande diversidade de fascismos que já observamos não é razão para abandonarmos o termo. Não duvidamos da utilidade de *comunismo* como termo genérico em razão da profunda diferença verificada entre suas diversas manifestações, como, por exemplo, na Rússia, na Itália e no Camboja. Nem descartamos o termo *liberalismo* devido à política liberal ter assumido formas díspares na Inglaterra Vitoriana, com seu livre-comércio e suas leituras da Bíblia; na França da Terceira República, com seu protecionismo e seu anti-clericalismo; ou no agressivamente unido Reich alemão de Bismark. Na verdade, o *liberalismo* seria um candidato à abolição ainda melhor que o *fascismo*, agora que os americanos vêem a extrema esquerda como “liberal”, enquanto a Europa chama de “liberais” os defensores do livre-mercado e do *laissez-faire*, tais como Margaret Thatcher, Ronald Reagan e George W. Bush. Nem o termo *fascismo* chega a confundir tanto.

Uma segunda reação foi a de aceitar a variedade do fascismo e compilar uma lista enciclopédica de suas muitas formas.⁸⁵ As descrições enciclopédicas fornecem detalhes informativos e fascinantes, mas nos deixam com algo semelhante a um bestiário medieval, com uma xilogravura de cada criatura, classificada por sua aparência externa, contra um fundo estilizado de ramos ou pedras.

Um terceiro enfoque trata essa variedade usando de uma estratégia evasiva, construindo um “tipo ideal” que não corresponde a qualquer caso exato, mas que nos permite postular uma espécie de “essência” composta. A definição concisa do fascismo como “tipo ideal” que, em tempos recentes, obteve a aprovação mais generalizada é de autoria do acadêmico britânico Roger Griffin: “O fascismo é um gênero de ideologia política cujo

85. A análise mais impressionantemente erudita é Payne, *History*.

cerne mítico, em suas várias permutações, é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista”.⁸⁶

Pretendo deixar de lado, pelo menos por um momento, tanto o bestiário quanto a essência. Ambos nos condenam a uma visão estática e a uma perspectiva que convida a encarar o fascismo de forma isolada. Em vez disso, o examinemos em ação, desde seus primórdios até o cataclismo final, no interior da complexa teia de interações com a sociedade por ele formada. Os cidadãos comuns e os detentores do poder político, social, cultural e econômico que ajudaram ou não opuseram resistência ao fascismo fazem parte dessa história. Ao chegarmos ao final, seremos mais capazes de dar uma definição correta.

Necessitaremos de uma compreensão clara dos dois principais parceiros de coalizão dos fascistas, os liberais e os conservadores. Uso aqui o termo *liberalismo* em seu sentido original, tal como usado à época em que o fascismo se insurgiu contra ele, e não na acepção americana atual do termo, já mencionada anteriormente. Os liberais europeus de inícios do século XX se aferravam ao que fora progressista um século antes, quando a poeira da Revolução Francesa ainda não havia baixado de todo. Ao contrário dos conservadores, eles aceitavam as metas revolucionárias de liberdade, igualdade e fraternidade, embora aplicando-as de modos mais adequados a uma classe média educada. Os liberais clássicos interpretavam a liberdade como a liberdade individual pessoal, preferindo um governo constitucional limitado e o *laissez-faire* econômico a qualquer tipo de intervenção estatal, quer mercantilista, como em princípios do século XIX, quer socialista, como em épocas posteriores. Por igualdade, eles entendiam as oportunidades tornadas acessíveis aos talentosos por meio da educação; aceitavam a desigualdade de desempenho e, portanto, de poder e riqueza. A fraternidade, viam como a condição normal dos homens livres (e tendiam a encarar os assuntos públicos como negócios de homens), não necessitando, portanto, de reforço artificial, uma vez que os interesses econômicos eram naturalmente harmônicos e a verdade viria à tona num livre-mercado de idéias. É nessa acepção que, neste livro, uso o termo *liberal*, nunca na acepção americana

86. Griffith, *Nature*, p. 26.

de *extrema esquerda*. Os conservadores queriam ordem, tranqüilidade e as hierarquias herdadas do berço e da riqueza. Eles repudiavam tanto o entusiasmo de massas do fascismo quanto o poder total a que estes aspiravam. Queriam obediência e deferência, não perigosas manifestações populares, e pretendiam limitar o Estado às funções de “guarda noturno”, encarregado da manutenção da ordem, enquanto as elites tradicionais governavam por meio da propriedade, das igrejas, dos exércitos e da influência social herdada.⁸⁷

De modo geral, os conservadores europeus, em 1930, ainda rejeitavam os princípios da Revolução Francesa, preferindo a autoridade à liberdade, a hierarquia à igualdade e a deferência à fraternidade. Embora muitos deles tenham visto os fascistas como úteis, ou mesmo essenciais, em sua luta pela sobrevivência contra os liberais dominantes e uma esquerda em ascensão, alguns tinham aguda consciência de que seus aliados fascistas seguiam uma agenda diferente e sentiam uma aversão desdenhosa por esses forasteiros rudes.⁸⁸ Quando o simples autoritarismo era o bastante, os conservadores o preferiam. Alguns deles mantiveram sua postura antifascista até o fim. A maioria dos conservadores, entretanto, estava convicta de que o comunismo era pior. Se dispunham a trabalhar com os fascistas caso a esquerda mostrasse ter possibilidade de triunfar. Fizeram causa comum com os fascistas no espírito de Tancredi, o recalcitrante jovem aristocrata, personagem do grande romance de Giuseppe di Lampedusa sobre a decadência de uma fa-

87. “O Estado fascista não é um vigia noturno (...) é uma entidade espiritual e moral cujo propósito é o de assegurar a organização política, jurídica e econômica da nação (...) Transcendendo a breve existência do indivíduo, o Estado representa a consciência imanente da nação”. Mussolini, “Doctrine”, em Schnapp, *Primer*, v. 58.

88. Um exemplo muito bem articulado foi o Friedrich Percyval Reck-Malleczewen, *Diary of a Man in Despair*, trad. do alemão por Paul Rubens. Londres: Macmillan, 1970 (orig. pub. 1947), em que lamenta a transformação da Alemanha, a partir da época de Bismarck, num “formigueiro superdesenvolvido industrialmente” (p. 119). Reck-Malleczewen reservou seu ataque mais cáustico a Hitler, chamado-o de “cigano de topete” (p. 18), “Genghis Khan dos legumes crus, Alexandre abstêmio, Napoleão sem mulher” (p. 27). Ele foi executado pelos nazistas no início de 1945. Ver também o diário do patrono das artes pacifista Harry Kessler, *The Diaries of a Cosmopolitan*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1971.

mília nobre da Sicília, *O Leopardo*: “Se queremos que as coisas permaneçam como são, as coisas terão que mudar”.⁸⁹

Os fascismos que conhecemos chegaram ao poder com o auxílio de ex-liberais amedrontados, tecnocratas oportunistas e ex-conservadores, e governaram conjuntamente com eles, num alinhamento mais ou menos desconfortável. Acompanhar essas coalizões verticalmente, ao longo do tempo, como movimentos que se transformaram em regimes; e horizontalmente, no espaço, à medida que elas se adaptavam às peculiaridades dos ambientes nacionais e às oportunidades de momento, exige algo mais elaborado que a tradicional dicotomia movimento/regimes. Proponho examinar o fascismo em um ciclo de cinco estágios: (1) a criação dos movimentos; (2) seu enraizamento no sistema político; (3) a tomada do poder; (4) o exercício do poder; (5) e, por fim, o longo período de tempo durante o qual o regime faz a opção ou pela radicalização ou pela entropia. Embora cada um desses estágios seja um pré-requisito do estágio seguinte, nada exige que um movimento fascista venha a passar por todos eles, ou mesmo que se mova numa única direção. A maioria dos fascismos sofreu interrupção, alguns recuaram e, às vezes, características de diversos estágios permaneceram inoperantes por longo tempo. Embora a maioria das sociedades modernas tenha gerado movimentos fascistas durante o século xx, poucas delas chegaram a ter regimes fascistas. Apenas na Alemanha nazista o regime fascista aproximou-se dos horizontes extremos da radicalização.

Separar os cinco estágios oferece uma série de vantagens, permitindo uma comparação plausível entre movimentos e regimes de graus de desenvolvimento equivalentes e ajudando-nos a ver que o fascismo, longe de ser estático, era uma sucessão de processos e de escolhas: a busca de seguidores, a formação de alianças, a disputa pelo poder e seu exercício. É por essa razão que as ferramentas conceituais que iluminam um estágio podem não funcionar tão bem para os demais. É chegada a hora de examinar cada um desses estágios, um por um.

89. Giuseppe di Lampedusa, *The Leopard*, trad. do italiano por Archibald Colquhoun. Nova York: Pantheon, 1950, p. 40.